

O INCONSCIENTE DIGITAL: PSICANÁLISE NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DAS REDES SOCIAIS

THE DIGITAL UNCONSCIOUS: PSYCHOANALYSIS IN THE AGE OF ARTIFICIAL INTELLIGENCE AND SOCIAL NETWORKS

EL INCONSCIENTE DIGITAL: EL PSICOANÁLISIS EN LA ERA DE LA INTELIGENCIA ARTIFICIAL Y LAS REDES SOCIALES



10.56238/edimpacto2025.011-002

Ricardo Furtado Rodrigues

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE); UniCV; Ibrapsi
Orcid ID do autor: <https://orcid.org/0009-0003-7004-659X>

Pedro Victor dos Santos Monteiro

Centro Universitário Cidade Verde (UniCV); Ibrapsi

RESUMO

Este capítulo propõe investigar o conceito de “inconsciente digital” como um instrumento psicanalítico para compreender a constituição da subjetividade na era da inteligência artificial e das redes sociais. A proposta é refletir sobre como o inconsciente se reconfigura diante da tecnologia, atravessado por uma linguagem maquinica que influencia o desejo, o gozo e a formação do eu. O objetivo central é analisar, sob a ótica psicanalítica, as novas formas de sofrimento psíquico produzidas no ambiente digital, considerando os impactos da hiperconectividade, da exposição contínua e da lógica algorítmica nos processos de subjetivação. A metodologia adotada consiste em uma revisão teórico-conceitual, com base em autores clássicos da psicanálise, como Freud, Lacan e Winnicott, e pensadores contemporâneos que analisam os efeitos da cultura digital no psiquismo, como Byung-Chul Han, Sherry Turkle, Zygmunt Bauman e Evgeny Morozov. A análise aponta que, apesar da tentativa de controle e repetição nas linguagens digitais, o sujeito do inconsciente permanece ativo, abrindo espaço para o desejo e a singularidade. Conclui-se que a psicanálise mantém sua relevância atual ao sustentar a escuta do sujeito em um cenário em que as tecnologias tentam silenciá-lo.

Palavras-chave: Psicanálise. Inconsciente digital. Redes sociais. Inteligência artificial. Subjetividade contemporânea. Sintomas psíquicos.

ABSTRACT

This chapter sets out to investigate the concept of the “digital unconscious” as a psychoanalytical tool for understanding the constitution of subjectivity in the age of artificial intelligence and social networks. The proposal is to reflect on how the unconscious is reconfigured in the face of technology, crossed by a machinic language that influences desire, jouissance and the formation of the self. The central objective is to analyze, from a psychoanalytical perspective, the new forms of psychic suffering produced in the digital environment, considering the impacts of hyperconnectivity, continuous exposure and algorithmic logic on the processes of subjectivation. The methodology adopted consists of a theoretical-conceptual review, based on classic authors of psychoanalysis, such as Freud, Lacan



and Winnicott, and contemporary thinkers who analyze the effects of digital culture on the psyche, such as Byung-Chul Han, Sherry Turkle, Zygmunt Bauman and Evgeny Morozov. The analysis points out that, despite the attempt at control and repetition in digital languages, the subject of the unconscious remains active, opening up space for desire and singularity. It concludes that psychoanalysis maintains its current relevance by supporting listening to the subject in a scenario where technologies try to silence it.

Keywords: Psychoanalysis. Digital unconscious. Social networks. Artificial intelligence. Contemporary subjectivity. Psychic symptoms.

RESUMEN

Este capítulo se propone investigar el concepto de «inconsciente digital» como herramienta psicoanalítica para comprender la constitución de la subjetividad en la era de la inteligencia artificial y las redes sociales. La propuesta es reflexionar sobre cómo el inconsciente se reconfigura frente a la tecnología, atravesado por un lenguaje maquínico que influye en el deseo, el goce y la formación del yo. El objetivo central es analizar, desde una perspectiva psicoanalítica, las nuevas formas de sufrimiento psíquico producidas en el entorno digital, considerando los impactos de la hiperconectividad, la exposición continua y la lógica algorítmica en los procesos de subjetivación. La metodología adoptada consiste en una revisión teórico-conceptual, basada en autores psicoanalíticos clásicos como Freud, Lacan y Winnicott, y pensadores contemporáneos que analizan los efectos de la cultura digital en el psiquismo, como Byung-Chul Han, Sherry Turkle, Zygmunt Bauman y Evgeny Morozov. El análisis muestra que, a pesar del intento de control y repetición en los lenguajes digitales, el sujeto del inconsciente permanece activo, abriendo espacio al deseo y a la singularidad. Se concluye que el psicoanálisis mantiene su actualidad al apoyar la escucha del sujeto en un escenario en el que las tecnologías intentan silenciarlo.

Palabras clave: Psicoanálisis. Inconsciente digital. Redes sociales. Inteligencia artificial. Subjetividad contemporánea. Síntomas psíquicos.



1 INTRODUÇÃO

Vivemos uma época marcada pela crescente digitalização da vida cotidiana, na qual redes sociais, algoritmos e inteligências artificiais passaram a ocupar lugar central nas formas de sociabilidade, subjetivação e produção de sentido. Essa reconfiguração do laço social impõe à psicanálise novos desafios teóricos e clínicos, exigindo que suas ferramentas conceituais dialoguem criticamente com os fenômenos emergentes do mundo digital, sem, no entanto, abdicar de sua radicalidade fundacional. A escuta do sofrimento contemporâneo revela sintomas que não estavam nos manuais clássicos, mas que pedem, mais do que nunca, a intervenção da psicanálise como prática de leitura do desejo, do gozo e da angústia.

A emergência de novas formas de sofrimento psíquico ligadas à era digital não pode ser ignorada. A hipervisibilidade promovida pelas redes sociais, o imperativo da performance constante, a comparação algorítmica, o culto à imagem e a exposição à lógica do consumo simbólico produzem sujeitos fragmentados, exaustos e frequentemente alienados de seus próprios desejos. Sintomas como ansiedade generalizada, pânico, depressão, burnout, transtornos alimentares e distúrbios de identidade tornaram-se comuns em contextos marcados pela conectividade incessante e pela virtualização da existência. Como observa Han (2017), vivemos sob o jugo de uma “sociedade do desempenho”, na qual o sujeito se torna seu próprio explorador, preso em um ciclo de autovigilância e cobrança sem fim.

É diante desse cenário que a psicanálise é convocada a se repensar: como abordar subjetividades moldadas por ambientes digitais? Como interpretar os novos modos de gozo mediados por interfaces tecnológicas? Estaríamos diante de uma mutação no próprio regime do inconsciente? Essas questões colocam em evidência uma lacuna teórica importante: os principais pilares conceituais da psicanálise – formulados nos séculos XIX e XX – foram forjados em contextos sociais radicalmente distintos daqueles que hoje estruturam a vida psíquica. Freud, ao fundar a psicanálise, baseou-se em uma clínica atravessada pelas neuroses da moral vitoriana e pelas repressões do supereu clássico. Lacan, ao reler Freud à luz da linguística estrutural e da lógica do significante, articulou a subjetividade a partir do campo simbólico do Outro. No entanto, que Outro é esse quando mediado por máquinas que organizam o desejo por meio de dados, likes e algoritmos?

A proposta deste capítulo é investigar como a psicanálise pode contribuir para a compreensão da subjetividade na era da inteligência artificial e das redes sociais, propondo o conceito de “inconsciente digital” como chave interpretativa para os modos contemporâneos de sofrimento e constituição do sujeito no século XXI. Essa noção busca pensar o inconsciente não como substituído ou anulado pela tecnologia, mas reconfigurado por ela, atravessado por uma linguagem maquinica que impacta os circuitos do desejo, a dinâmica do gozo e a constituição do eu.

O objetivo central deste capítulo é analisar as novas formas de sofrimento psíquico produzidas no ambiente digital a partir da perspectiva psicanalítica, considerando os efeitos da exposição contínua, da hiperconectividade e da lógica algorítmica nos processos de subjetivação. Para tanto, propõe-se uma articulação entre autores clássicos – como Freud (1914; 1923), Lacan (1966) e Winnicott (1971) – e pensadores contemporâneos que investigam os efeitos da cultura digital sobre o psiquismo, como Byung-Chul Han (2017), Sherry Turkle (2011), Zygmunt Bauman (2001) e Evgeny Morozov (2013), entre outros. A intenção é construir uma ponte crítica entre as formulações estruturantes da psicanálise e as dinâmicas emergentes da tecnossociedade, evitando reducionismos e idealizações.

A metodologia adotada é de natureza qualitativa, baseada em revisão bibliográfica e análise conceitual. Trata-se de uma pesquisa teórico-conceitual, que busca articular referenciais psicanalíticos com elementos da cultura digital contemporânea, utilizando exemplos concretos de fenômenos sociais (como a cultura do cancelamento, os influenciadores digitais, a dependência tecnológica e a estetização da vida) para ilustrar as transformações psíquicas em curso. Não se trata de uma pesquisa empírica, mas sim de uma construção crítica, com base na leitura intertextual entre diferentes campos do saber, com foco na escuta clínica e na análise simbólica dos efeitos do digital sobre a constituição subjetiva.

Ao fim, espera-se oferecer subsídios para uma compreensão mais ampla e complexa dos desafios enfrentados por analistas e sujeitos diante da era do inconsciente digital, defendendo a tese de que, mesmo em tempos de algoritmos, dados e inteligências artificiais, o desejo continua a escapar, o sintoma a insistir, e o inconsciente a se manifestar – ainda que por novos caminhos.

2 O SUJEITO DO INCONSCIENTE E A MÁQUINA DIGITAL

A psicanálise, desde sua origem com Freud, sempre esteve implicada na tarefa de compreender as transformações do sujeito a partir de suas inserções socioculturais. A escuta clínica é, nesse sentido, também uma escuta da época. Hoje, vivemos um momento histórico atravessado pela onipresença das tecnologias digitais, das redes sociais à inteligência artificial, das plataformas algorítmicas aos dispositivos móveis. Trata-se de um novo cenário em que o sujeito do inconsciente, tal como formulado pela tradição psicanalítica, é convocado a se reconfigurar.

Freud (1915/1996) concebe o sujeito como dividido, inconsciente, marcado pelo recalque e pela ambivalência dos desejos. Não se trata, portanto, de um eu coeso e transparente a si mesmo, mas de um sujeito cindido, cuja verdade está, paradoxalmente, fora do alcance da consciência. A radicalidade dessa concepção permanece incontornável, ainda que o mundo tenha mudado profundamente. O que exige, por parte da psicanálise, um movimento de escuta e elaboração crítica frente às novas formas de subjetivação emergentes no mundo digital.

Lacan (1964/1998), por sua vez, irá afirmar que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Essa formulação permite articular o sujeito do inconsciente com os discursos e dispositivos

que o atravessam. Ora, se o inconsciente se estrutura como linguagem, o que ocorre quando essa linguagem é mediada por algoritmos? Quando os circuitos de reconhecimento, desejo e gozo são organizados por dispositivos digitais que operam por repetição, filtragem e predição? A máquina digital não apenas altera a forma como o sujeito se comunica, mas intervém diretamente nos processos de simbolização, no modo como o desejo é regulado, no lugar da falta e na articulação entre o eu e o outro.

A questão que se impõe, portanto, é: que tipo de sujeito emerge diante de uma máquina que não esquece, que vigia, que prevê e que oferece respostas instantâneas para o mal-estar contemporâneo? A máquina digital não é mais apenas uma ferramenta externa, ela se tornou uma extensão psíquica, uma prótese do eu (McLuhan, 1964; Harari, 2018). A presença contínua do sujeito nas redes sociais, a dependência de validações externas via curtidas e comentários, e a sensação de estar permanentemente observado evocam uma nova configuração do olhar e do supereu.

Bauman (2001) já apontava que, na modernidade líquida, as identidades tornaram-se voláteis, e os vínculos sociais, frágeis. Essa fluidez é potencializada pelo ambiente digital, onde o sujeito se torna, muitas vezes, uma performance constante de si mesmo, adaptando-se a cada plataforma, a cada exigência do público imaginado. O eu que se apresenta nas redes é um eu curado, editado, moldado para maximizar reconhecimento, o que pode, paradoxalmente, intensificar sentimentos de vazio, inadequação e angústia. Como afirmam Turkle (2011) e Han (2017), a hiperconexão e a exposição contínua não necessariamente promovem vínculos mais profundos, mas acentuam a solidão e o mal-estar narcísico.

Nesse cenário, o sujeito do inconsciente se encontra em tensão constante entre o desejo e a demanda da máquina. O discurso digital parece operar como um novo tipo de Outro, um Outro que sabe, que mede, que julga e que dita as regras da visibilidade e da aceitação. A partir dessa perspectiva, o sujeito contemporâneo se vê cada vez mais submetido a um Outro técnico, algoritmizado, que redefine as gramáticas do reconhecimento social e, portanto, da constituição subjetiva.

É importante destacar que a psicanálise não pode ceder à tentação de tecnicizar suas categorias. O inconsciente, tal como formulado por Freud e relido por Lacan, não é algo que possa ser mapeado por algoritmos. O inconsciente escapa, insiste, retorna, ele é da ordem da falta, do equívoco, da singularidade. No entanto, isso não significa que a clínica esteja imune às transformações sociotécnicas. Pelo contrário, como propõe Roudinesco (2000), a psicanálise precisa se reinventar constantemente diante das novas formas de sofrimento psíquico, sem trair seus fundamentos.

Nesse contexto, a escuta psicanalítica se torna ainda mais relevante. Em um mundo onde tudo é exposto, registrado e monetizado, a experiência do inconsciente, esse território da opacidade, do não dito, do lapsus e do sintoma, oferece um espaço raro de resistência ao imperativo de transparência e

produtividade. A clínica é, portanto, um lugar de escuta do que escapa à lógica algorítmica, do que não se enquadra, do que insiste em permanecer singular.

Diante das transformações nas formas de subjetivação na era digital, torna-se necessário contrastar os eixos fundamentais da psicanálise clássica com os fenômenos contemporâneos mediados pelas tecnologias. O quadro 1 propõe uma leitura comparativa, sem a pretensão de esgotar o debate, mas de evidenciar o deslocamento da constituição do sujeito frente às novas condições de enunciação e captura do desejo:

Quadro 1: Psicanálise Clássica x Realidade Digital

Eixo de Análise	Psicanálise Clássica	Realidade Digital
Formação do Eu	Estádio do Espelho (Lacan)	Selfie e avatar como forma de identificação narcísica
Supereu	Instância internalizada da autoridade social	Algoritmos e vigilância como "supereu performativo"
Relação com o Outro	Desejo mediado pela linguagem e alteridade	Like, follower, e validação superficial e quantitativa
Inconsciente	Estruturado como linguagem (Lacan)	Dados inconscientes capturados por plataformas (big data)

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Concluímos, assim, que o sujeito do inconsciente não desaparece na era digital, mas é convocado a se reinventar. A máquina digital não apaga o desejo, mas o reconfigura. A tarefa da psicanálise, portanto, é escutar os novos modos de subjetivação sem ceder à sedução do tecnocentrismo ou ao pessimismo nostálgico. Trata-se de manter vivo o compromisso com o inconsciente, mesmo e sobretudo, diante das máquinas que pretendem saber tudo sobre nós.

3 NARCISISMO E PERFORMANCE: O EU NO ESPELHO DIGITAL

O narcisismo, desde Freud, representa uma categoria fundamental para a compreensão do sujeito humano em sua constituição psíquica, seus modos de amar, sofrer e se representar. Em *Introdução ao narcisismo* (1914/1996), Freud propõe uma diferenciação entre o narcisismo primário, etapa inicial de investimento libidinal do ego em si mesmo, e o narcisismo secundário, que emerge como retorno da libido ao ego após a decepção com os objetos externos. Esse movimento é essencial para o entendimento da relação do sujeito consigo e com os outros.

No entanto, na era digital, essa dinâmica é transfigurada. As redes sociais funcionam como vitrines permanentes de exposição do eu, promovendo uma lógica de performatividade e validação que opera na superfície da imagem. A selfie, por exemplo, tornou-se um dispositivo simbólico que articula o desejo de ser visto com a necessidade de controle sobre a própria representação. Nessa operação, o espelho de Narciso já não é mais um lago silencioso, mas um feed em constante atualização, mediado por algoritmos que recompensam a visibilidade e punem o anonimato.



O ambiente digital favorece o retorno maciço do narcisismo secundário, agora amplificado pela lógica da performance e da gestão da imagem. Como aponta Christopher Lasch (1983), em *A cultura do narcisismo*, vivemos em uma sociedade marcada pela exibição do self, onde o valor individual é mensurado pela capacidade de impressionar, de manter-se relevante, de ser objeto de desejo. Esse diagnóstico é ainda mais atual à luz das plataformas digitais, que transformaram o reconhecimento simbólico em capital social quantificável: curtidas, seguidores, comentários, compartilhamentos.

Para a psicanálise, essa dinâmica produz efeitos significativos na economia psíquica do sujeito. A relação com o outro é substituída, muitas vezes, pela busca de reflexos idealizados. Lacan (1949/1998), em seu famoso texto sobre o Estúdio do Espelho, já havia alertado para o fato de que a imagem é constitutiva do eu, mas também enganosa, alienante. O "eu" é sempre um construto imaginário sustentado por uma imagem que o sujeito vê de fora. No contexto digital, essa imagem é editável, filtrável, publicável e, portanto, constantemente manipulada para sustentar um ideal de eu inatingível.

Nesse sentido, a performance constante exigida nas redes sociais aproxima-se do que Byung-Chul Han (2017) chama de "sociedade do desempenho". O sujeito, agora empreendedor de si, deve maximizar sua aparência, produzir-se como marca, conquistar relevância. Mas essa incessante exibição traz consigo um esgotamento psíquico: à medida que o sujeito se identifica com seu avatar digital, vai perdendo contato com sua interioridade, com o desejo inconsciente, com a alteridade. A angústia emerge não mais da repressão, como no modelo clássico, mas da obrigação de gozar, de brilhar, de estar sempre bem.

Winnicott (1975), ao falar do falso self, oferece uma chave de leitura potente para compreender esse fenômeno. O falso self, formado como defesa frente à expectativa do ambiente, pode se tornar um substituto do verdadeiro self, comprometendo a espontaneidade, a criatividade e a autenticidade do sujeito. Nas redes sociais, o falso self é incentivado e reforçado: é o eu que sorri, mesmo na tristeza; que ostenta, mesmo na escassez; que aparece, mesmo desejando desaparecer. A imagem do eu é, aqui, objeto de investimento libidinal, mas também fonte de sofrimento e alienação.

Por outro lado, é necessário reconhecer que o narcisismo não é, em si, patológico. Ele é um elemento estruturante da subjetividade, e o desejo de ser reconhecido, admirado e amado é constitutivo do humano. A patologia surge quando o narcisismo se cristaliza em uma lógica fechada, sem espaço para o outro real, para a diferença, para o fracasso. O digital, ao transformar o outro em audiência e a vida em performance, tende a favorecer esse fechamento.

O ideal de felicidade, sucesso e beleza promovido pelos influenciadores digitais, por exemplo, funciona como um novo supereu estético: silencioso, mas implacável. O sujeito sente que nunca é suficiente, e a frustração contínua retroalimenta o ciclo de exposição. O feed se transforma, assim, em



uma espécie de espelho em que o sujeito busca não apenas ser visto, mas também ser amado, aceito, e desejado, mas sempre sob condições idealizadas e inatingíveis.

Em termos clínicos, é cada vez mais comum encontrar sujeitos que se sentem vazios, insatisfeitos e ansiosos, mesmo em meio a vidas aparentemente bem-sucedidas nas redes. A dissociação entre o eu digital e o eu real, entre a imagem performada e o desejo inconsciente, gera sofrimento psíquico. A escuta psicanalítica, nesse contexto, deve ser um espaço onde o sujeito possa se desprender da lógica da performance e reencontrar sua verdade singular, marcada pela falta, pelo desejo, pela imperfeição.

Por fim, é preciso afirmar que a psicanálise tem muito a contribuir na crítica às idealizações contemporâneas do eu. Em um mundo que promove o narcisismo como imperativo de existência, a psicanálise oferece uma ética da escuta, da alteridade e da incompletude. O espelho digital pode refletir a imagem, mas não o desejo. O trabalho analítico é justamente esse: escavar sob a superfície da imagem, abrindo espaço para o sujeito se encontrar além das selfies, dos filtros e das métricas de aprovação social.

Ao revisitarmos o conceito freudiano de narcisismo e contrastá-lo com as expressões digitais do eu performático, podemos visualizar transformações profundas na forma como o sujeito se investe em si mesmo e no olhar do outro. O quadro 2 apresenta essa transição de forma sintética:

Quadro 2: Narcisismo Ontem e Hoje

Característica	Narcisismo Freudiano (1914)	Narcisismo Digital
Referência ao outro	Pouco evidente, autocentrado	Totalmente dependente da resposta alheia (likes, views)
Temporalidade	Relativa estabilidade	Volátil e de curta duração
Construção do eu	Baseado no investimento libidinal	Baseado na performance e imagem

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

4 O SUPEREU ALGORÍTMICO E A ANSIEDADE DE PERFORMANCE

Desde os primórdios da teoria psicanalítica, o supereu ocupa uma posição de destaque na constituição do sujeito e na mediação entre pulsão e civilização. Em *O mal-estar na civilização* (1930/2010), Freud identifica no supereu uma instância moral que, ao mesmo tempo que reprime os impulsos pulsionais, inflige ao sujeito um sentimento de culpa constante. Diferente da mera censura externa, o supereu freudiano é interno, cruel, implacável, “o herdeiro do complexo de Édipo”, e está diretamente vinculado à renúncia pulsional que viabiliza a vida em sociedade.

Na contemporaneidade digital, a função superególica parece ter migrado, em parte, para os algoritmos que regulam a visibilidade, o engajamento e a relevância dos sujeitos nas redes sociais. Se antes o supereu operava por meio de mandatos internalizados (“não faça isso”, “controle-se”), hoje ele atua por uma lógica perversa de mandatos positivos: “seja você mesmo”, “produza conteúdo”,



“engaje”, “brilhe”. Essa mutação é coerente com o que Lacan (1953/1998) já havia identificado ao dizer que o supereu comanda: “Goza!”.

Essa imperatividade do gozo, da produtividade e da exposição constante no ambiente digital é amplificada pelo que se pode denominar de supereu algorítmico, uma instância invisível, estatística, automatizada, mas absolutamente eficaz na regulação do comportamento. Os algoritmos que governam as redes sociais recompensam comportamentos que geram engajamento e punem aqueles que não se encaixam nas lógicas de visibilidade. Dessa forma, o sujeito é capturado em uma dinâmica incessante de avaliação, comparação e produção de si, em que o olhar do outro é permanentemente convocado, mesmo na ausência de qualquer presença real.

Byung-Chul Han (2015) observa com precisão esse fenômeno em *A sociedade da transparência*, ao afirmar que vivemos sob um novo tipo de dominação: não mais disciplinar, como em Foucault, mas de autoexploração. O sujeito contemporâneo não é apenas vigiado: ele é induzido a se expor, a se mostrar, a se vender. O supereu algorítmico é, nesse sentido, uma instância de comando que atua sob a forma de incentivos, recompensas e exclusões simbólicas. O silêncio do algoritmo, a queda no engajamento, a ausência de curtidas, tudo isso opera como castigo simbólico, intensificando a ansiedade de performance.

Essa ansiedade, cada vez mais presente nos discursos clínicos, manifesta-se em sintomas como insônia, angústia difusa, sentimento de insuficiência crônica, procrastinação, exaustão e depressão. O sujeito contemporâneo vive sob um constante senso de inadimplência existencial. Ele não apenas sente que não está fazendo o suficiente, mas também que não está sendo o suficiente. E, como observa Žižek (2012), essa lógica é perversa porque transforma a liberdade em obrigação: “você é livre para... logo, você é responsável por tudo que não conseguiu”.

Essa responsabilização subjetiva amplifica a culpa neurótica, mas a desloca para um novo campo: não mais a culpa moral por desejar o proibido, mas a culpa narcísica por não ser suficientemente bom, belo, produtivo ou desejável. Trata-se de uma mutação do sofrimento psíquico, onde a repressão é substituída pela compulsão à performance. O supereu, nesse contexto, torna-se um operador de um gozo forçado, exigindo do sujeito uma constante autoapresentação bem-sucedida.

Os novos modos de gozo e sofrimento psíquico revelam a força das tecnologias como agentes na estruturação do supereu contemporâneo. O quadro 3 apresenta alguns sintomas recorrentes do sujeito digital e suas possíveis interpretações à luz da psicanálise, com apoio em autores clássicos e contemporâneos:

Quadro3: Sintomas Contemporâneos do Sujeito Digital

Sintoma Digital	Leitura Psicanalítica	Autor Referência
F.O.M.O. (medo de perder algo)	Angústia frente ao desejo do Outro	Byung-Chul Han, Lacan
Excesso de exposição	Retorno ao narcisismo primário	Freud, Lasch



Sintoma Digital	Leitura Psicanalítica	Autor Referência
Burnout digital	Supereu hiperativo e exaustão subjetiva	Han, Safatle
Vício em notificação	Pulsão de repetição e gozo	Lacan, Miller

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Além disso, o supereu algorítmico é opaco. Ao contrário das figuras parentais e sociais que compõem o supereu clássico, o algoritmo é inatingível, sem rosto, sem corpo. Ele é um “grande Outro” que sabe tudo, o que você gosta, consome, deseja — mas nunca se revela. Lacan (1966/1998) propõe que o supereu se articula a partir do desejo do Outro. No mundo digital, esse Outro é cada vez mais artificial, calculado, construído por sistemas de aprendizado de máquina que determinam os conteúdos que o sujeito verá, as pessoas com quem interagirá, os desejos que serão reforçados. O desejo, portanto, deixa de ser uma construção simbólica do sujeito em relação ao Outro e passa a ser uma retroalimentação algorítmica do que já foi desejado, ou do que se supõe desejável.

A clínica psicanalítica, ao se deparar com sujeitos que sofrem sob essa lógica, precisa considerar as novas formas de subjetivação e os novos imperativos simbólicos. A angústia não é mais apenas efeito da repressão pulsional, mas da obrigação de existir em um regime de transparência, performance e sucesso constante. A escuta clínica deve, portanto, ser um espaço de resistência: onde o sujeito possa não saber, não performar, não corresponder; onde a opacidade e o silêncio sejam tolerados; onde a castração simbólica seja novamente reconhecida como condição da existência desejante.

É nesse espaço, onde o algoritmo é suspendido e o discurso singular é privilegiado, que o sujeito pode se reposicionar. O retorno ao desejo como vetor ético, e não ao gozo como imperativo de consumo, é um dos desafios mais urgentes da psicanálise na era digital. O supereu algorítmico pode comandar a cena social, mas não comanda o inconsciente. E é nessa brecha que o trabalho analítico insiste.

5 O INCONSCIENTE DIGITAL É POSSÍVEL?

A noção de inconsciente, tal como formulada por Freud, constitui a pedra angular da psicanálise. Em sua formulação clássica, o inconsciente é um saber que escapa ao sujeito, estruturado como uma linguagem (Lacan, 1966/1998), e cuja presença se manifesta por meio de lapsos, atos falhos, sonhos, sintomas e formações substitutivas. O inconsciente freudiano é atemporal, não reconhece negações nem contradições e é constituído a partir das marcas deixadas pela repressão primária, uma instância que emerge da interseção entre pulsão, linguagem e desejo.

Com o avanço tecnológico e a ascensão das redes digitais e da inteligência artificial, emerge a indagação: seria possível pensar em um “inconsciente digital”? Ou, mais precisamente, como as



estruturas da subjetividade inconsciente operam no contexto de mediação algorítmica, hiperexposição e automação de desejos?

Primeiramente, é preciso distinguir o que se comprehende por "digital" nesse contexto. O digital não é apenas um meio técnico, mas um campo simbólico e imaginário que organiza experiências, relações e modos de subjetivação. Vivemos, como aponta Shoshana Zuboff (2018), sob uma lógica de capitalismo de vigilância, em que os dados produzidos pelos sujeitos são coletados, analisados e utilizados para prever e influenciar comportamentos. Nesse cenário, as tecnologias não apenas mediam desejos: elas produzem desejos preditivos, antecipam ações e oferecem respostas antes que perguntas sejam formuladas.

No entanto, o inconsciente, tal como formulado por Lacan, não é redutível a uma base de dados nem é passível de predição. O inconsciente não é o que escapa à consciência apenas, mas o que insiste como um resto, um ponto de opacidade e falha na cadeia significante. Por isso, dizer que haveria um "inconsciente digital", como se fosse possível reproduzir digitalmente as estruturas do desejo e da linguagem, é, a princípio, um equívoco conceitual. Como destaca Jacques-Alain Miller (2011), o inconsciente não é algo que se revela totalmente, mas que se interpreta, sempre na presença de um outro sujeito que escuta.

Contudo, é possível afirmar que o espaço digital se tornou um novo palco para a expressão de conteúdos inconscientes, reconfigurando a forma como sintomas e formações substitutivas aparecem. As redes sociais, por exemplo, operam como superfícies de projeção e idealização. Ali, o sujeito constrói versões idealizadas de si, lida com a alteridade do outro em formato imagético e é interpelado por discursos que se organizam a partir de métricas e algoritmos. Esse novo ambiente intensifica o recalque secundário, promovendo deslocamentos e condensações sintomáticas através de postagens, curtidas, stories e interações codificadas.

A relação entre sujeito e tecnologia digital passa, assim, a constituir um novo campo para a clínica psicanalítica e para a reflexão teórica. Em vez de postular um "inconsciente digital" como entidade autônoma, pode-se afirmar que o digital constitui um novo campo de inscrição do inconsciente, não no sentido de uma substituição, mas de uma reorganização dos modos como o inconsciente se manifesta.

Neste sentido, André Lemos (2022) fala da "infraestrutura invisível da cultura digital", que molda nossos modos de ver, sentir e desejar. A cultura digital opera como uma nova gramática simbólica, onde os sujeitos passam a ser interpelados por novos significantes-mestres, tais como "influência", "viralização", "engajamento" e "curadoria de si". Esses termos adquirem estatuto de sentido organizador do desejo, funcionando como operadores de gozo na era digital.

Assim, o inconsciente continua a operar, mas seus pontos de inscrição, suas metáforas dominantes e seus modos de emergência se transformam. Se, no século XIX, os sintomas histéricos

eram a expressão privilegiada do conflito inconsciente, hoje vemos um deslocamento para sintomas ligados à hiperatividade, ansiedade, compulsões e um certo vazio identitário, como apontado por Safatle (2015). O digital, com sua promessa de presença constante e autoatualização infinita, mascara a falta constitutiva do sujeito, operando uma espécie de recusa do inconsciente, o que, paradoxalmente, o reforça.

Em última análise, a pergunta "o inconsciente digital é possível?" exige uma resposta cuidadosa: o inconsciente, como estrutura do sujeito do desejo, é irredutível à lógica digital, mas se reinscreve nas novas formas simbólicas e imaginárias que esse universo produz. A psicanálise, para não se tornar obsoleta, precisa escutar essas mutações, sem perder seu núcleo ético, o reconhecimento de que o sujeito é dividido, barrado, e que o gozo não se harmoniza com o imperativo da satisfação plena.

O desafio é não ceder à tentação de adaptar a psicanálise aos moldes do digital, mas sim de usar a escuta psicanalítica como ferramenta de desautomatização, um modo de devolver ao sujeito o lugar de falante, e não apenas de usuário, consumidor ou produtor de dados. Afinal, como bem lembra Lacan (1964/1998), o inconsciente é o discurso do Outro, e, ainda que o Outro hoje fale por meio de códigos e algoritmos, o sujeito do desejo permanece ali, tentando se fazer ouvir entre os ruídos da máquina.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A travessia proposta ao longo deste capítulo procurou iluminar os contornos de uma subjetividade em transformação diante da crescente onipresença do digital. Longe de uma abordagem apocalíptica ou meramente celebratória, o objetivo foi tensionar a escuta psicanalítica a partir da radicalidade de sua origem: a aposta na fala, na escuta e no desejo como elementos estruturantes do sujeito.

Ao percorrermos os caminhos entre o sujeito do inconsciente e a máquina digital, entre o narcisismo contemporâneo e a performance algorítmica, entre o supereu clássico e sua nova forma intensificada, o supereu algorítmico, fomos conduzidos a uma constatação inquietante: a lógica do gozo sem falta, do imperativo de sucesso e visibilidade, da antecipação preditiva do desejo, tem operado como força modeladora das subjetividades, mascarando o desamparo e silenciando a castração que funda o sujeito do desejo.

Nesse cenário, o inconsciente permanece irredutível. Ele não se digitaliza, não se automatiza e não se converte em dado. Mas sofre deslocamentos, em sua inscrição, em sua forma de manifestação e, sobretudo, na escuta que lhe é dirigida. A clínica psicanalítica, nesse contexto, é chamada a reinventar sua escuta, deslocando-se das configurações clássicas para abrir-se ao novo simbólico e imaginário digital, sem ceder às suas promessas de completude.



A ideia de um "inconsciente digital" não deve ser compreendida como a transposição da estrutura inconsciente para os sistemas informáticos, mas como a possibilidade de reconhecer que o espaço digital tornou-se campo de novas inscrições do desejo, novos modos de recalque, novas formas de gozo. O digital não cria o inconsciente, mas o atravessa, o modula e o convoca.

Diante disso, a psicanálise se vê diante de dois caminhos: a defesa dogmática de seus postulados clássicos, ignorando as mutações em curso, ou a fidelidade ética à escuta do sujeito, o que exige atualização, escuta ampliada e abertura ao inusitado. Como já afirmava Lacan, "o inconsciente é a política", e hoje, mais do que nunca, essa política se trava também nos campos algorítmicos, nas redes, nos dados, nos dispositivos que estruturam nossa vida social e íntima.

Não se trata, portanto, de ceder à tecnofobia nem de render-se a um tecnocultismo ingênuo, mas de sustentar o real do desejo onde ele insiste, ainda que disfarçado em selfies, métricas de engajamento ou avatares performáticos. O sujeito do inconsciente sobrevive às revoluções tecnológicas, e cabe à psicanálise não apenas constatar isso, mas escutá-lo ali onde menos esperamos encontrá-lo.

Afinal, como afirmou Freud (1920), "onde estava o id, deve advir o eu". Mas, na era digital, talvez devamos reformular: onde há um perfil, um avatar, um algoritmo, que ainda possa emergir o sujeito, e que ele ainda possa ser escutado.



REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- FREUD, Sigmund. O ego e o id (1923). In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. O inconsciente (1915). In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2010.
- FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- HAN, Byung-Chul. A sociedade da transparência. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HAN, Byung-Chul. A sociedade do cansaço. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HAN, Byung-Chul. Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução de Enio Paulo Giachini. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- HARARI, Yuval Noah. 21 lições para o século 21. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- LACAN, Jacques. Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. (Original publicado em 1966).
- LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: _____. Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LACAN, Jacques. O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Tradução de Maria Helena Martins e Maria Cecília de M. Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica (1949). In: _____. Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LASCH, Christopher. A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio. Tradução de Luiz Sérgio Henrique. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- LEMOS, André. A cultura digital e suas invisibilidades. Salvador: Edufba, 2022.
- McLUHAN, Marshall. Understanding media: the extensions of man. New York: McGraw-Hill, 1964.
- MILLER, Jacques-Alain. O inconsciente e o corpo falante. Tradução de Claudia Berliner. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- MOROZOV, Evgeny. Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política. Tradução de Sergio Tellaroli. São Paulo: Ubu Editora, 2019. (Obra original: To Save Everything, Click Here, 2013).



ROUDINESCO, Élisabeth. *Por que a psicanálise?* Tradução de Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo.* São Paulo: Cosac Naify, 2015.

TURKLE, Sherry. *Alone together: why we expect more from technology and less from each other.* New York: Basic Books, 2011.

WINNICOTT, Donald W. *O brincar e a realidade.* Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Original publicado em 1971).

ŽIŽEK, Slavoj. *Vivendo no fim dos tempos.* Tradução de Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2012.

ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder.* Tradução de George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.